N.º 45 (167) — 4.º ANNO

Terça-feira, 19 de Setembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
50, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 46

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

O Dente do reconhecimento

O João — Custou mas saiu!...
O Zé — De tanta demora já estava a apodrecer...

D. Maria do Carme Xavier Braga

«O Zé» envia d'este modo ao sabio que foi o presidente do primeiro governo da Republica a expressão sincera do seu pezar, pela morte de sua extremosa esposa.

Fitas batidas

Se ao principio causou admiração em alguem que um revoltado ousasse affirmar que a republica mettera as perninhas pelo mesmo caminho que a monarchia trilhara, hoje já ninguem se admira.

E já ninguem se admira, não só porque o ouve affirmar em toda a parte, como tambem (e isto é o mais vergonhoso!) porque é verdade!

E' triste!

Olhem que isto chega quasi a dar vontade de a gente fazer como os thalassas... se tivesse-mos a massa que elles nos roubaram emquanto poderam fazer as malas e desandar d'aqui para fóra.

Sim, desandar porque ao menos lá fóra não nos andavam sempre a chatear com a léria do patriotismo, nem nos cravavam com dez tostões para as illuminações, e mais cinco para os reservistas, e mais cinco para a divida publica, etc., etc.

E por cima d'isto tudo mais uma estampilha obrigatoria em certos dias do anno para a assistencia.

Quer dizer, a assistencia tem que sêr paga pelo Povinho. Elles é que não pagam nada! Estão-se nas tintas...

Então para que serve o Estado? Nós pagamos ao Estado para quê? Para ainda por cima pagarmos aquillo que elles deviam pagar?

Então o Estado arvora-se em protector da humanidade, apanha-nos todos bem enganados com esse pretexto, e quando quer tornar a realisar essa protecção ainda nos vem atirar com tributos e somos nós que temos que pagar?...

Isto é, simplesmente pyramidal!

E depois o orçamento, olhem o orçamento...

Que não se póde apresentar sem «deficit», dizem elles!

Não se póde apresentar sem «deficit»?! Acaso fizeram todo o possivel para lhe reduzir as despezas?!

Isso fizeram elles que foram curiosos!

Massas reduzidas e sacrificios só ia para baixo, para o Zé, massas grandas, augmentos, subsidios, commissões, etc., isso lá para as alturas lá para elles!

Olhem aquella série tremenda de subsidios...

Até a heroes!

A heroes que tinham a restricta obrigação de nada acceitar, heroes que se foram para ali defender o Povo, nada deviam acceitar do Governo, porque o Estado não dá o que é d'elle, mas sim o que é do misero Povo.

Mas que querem vocês?!...

Elle havia menino lá na Rotunda que em vez de ir para as barreiras onde devia estar, andava por todos os cantos á procura do sr. Fulano, para lhe passar um attestado!

E, meninos, quanta creatura lá esteve que se bateu como um leão, que não exigiu attestado nem appareceu a reclamar emprego...

Esses é que foram os verdadeiros, os obscuros, os ignorados heroes!

E no entanto os nichos estão cheios de heroes. Foi a economia que a Republica fez: anichar os valentes que assim o exigiram, como os salteadores depois de dependurar a victima, vão exigir a paga a quem os aliciou.

Isto é triste! Isto é vergonhoso!

Aos operarios que se agitam em greves, mandam-lhe a força para cima, porque estiveram muitos annos explorados e roubados e por isso tambem o podem estar agora, e elles, elles então, que andaram durante annos prégando desinteressadamente (como diziam) não se poderam suster uns tempositos que não se deitassem a augmentar os ordenados, a criar commissões e subsidios, a roer, emfim, no queijo do orçamento; como faziam os da defuncta monarchia!

E' que elles não tiveram mesmo tempo nenhum...

Vinham com uma pressa!...

•

F. S. pergunta pela Cooperativa dos Auto Omnibus.

A gente sabe lá onde ella pára!... Desde que rebentou a bexiga, nunca mais tivemos noticias suas. Mas naturalmente dorme. Dorme, que o dormir é a qualidade mais natural do Povinho portuguez, principalmente depois que penetrou na alcova perfumada d'essa tal senhora nova.

Quer dizer, quando devia arregalar o olho e não o pregar mais durante toda a noite negra da sua existencia de pelintra, é que o «mascarongo» péga a dormir que nem um suino de quatorze arrobas...

Mas não queremos saber, foi a republica!

Aquella perdida, aquella desavergonhada da monarchia ainda assim tinha uma coisa boa. Só ella era capaz de fazer o pagode refilão.

O Povinho andava sempre alerta, a Camara berrava que nem uma desalmada, e a Auto-Omnibus vinha para a rua sem medo, como d'aquella vez que lhe prenderam um «chauffeur».

Agora, viu esta senhora, o Povinho deixou-se untar e consolar, na sua maioria, com o azeite mais barato, e prantou-se a dormir, a Camara idem, e a Cooperativa ibidem na mesma data!

Só quem não prega olho é a de Santo Amaro; o mais, está tudo com a doença do somno!

•

A' direcção do Jardim Zoologico recommendamos a acquisição d'um animal que tivemos occasião de ver ha dias.

E' um bicho interessante, com todas as qualidades proprias d'um grande bruto embora coxeie um pouco d'uma das pernas. Mas é isto mesmo que lhe dá mais graça. Aquella perna garota foi castigo do diabo para que lhe ficasse mesmo a matar.

Este exemplar feroz encontra-se em exposição do Jardim da Estrella onde a Camara o collocou no logar de guarda diurno, certamente por engano, pois a nosso ver o logar que de justiça lhe cabe é nas jaulas dos animaes ferozes do Parque das Laranjeiras.

Não se esqueçam do bruto, que elle, se continua á solta, dá em doido.

• •

Ao sr. ministro do fomento queixaram-se os carroceiros, dos patrões que faltavam aos compromissos tomados solemnemente quando se resolveu a gréve da sua classe.

E coincidindo com esta queixa lemos nós a noticia n'um jornal burguez de que uns grévistas ruraes haviam perdido, por causa das suas exigencias, a sympathia publica.

Esta é de cabo de esquadra. Os patrões com as suas imposições, e desrespeitos pelas garantias são quasi sempre, como n'este caso dos carroceiros podiam ser, os fomentadores das gréves, e quem perde a sympathia publica são os grévistas, os explorados.

E' que a maioria do Povinho que nega a sympathia aos seus irmãos, está ainda tão atrasado, diga-se mesmo tão aselvajado, que não sabe ainda que só aos seus irmãos deve dar toda a sua sympathia, só com elles deve collaborar para a sua emancipação, só a elles se deve unir, só a elles deve amar primeiro que a ninguem.

Mas que querem?! Quanto «cidadão patriota» quanto senhor republicano, voluntario e carbonario que se julga muito senhor do seu nariz, quanto patriota d'esta força ha, que não póde levar á paciencia que sejam os operarios os arbitradores das suas férias e das suas regalias.

Para contrastar concebem perfeitamente e admittem do melhor grado que os senhores deputados, dando o exemplo ao povo, arbitrem os seus ordenados, decretem as suas licenças, regulem as suas horas de conversação parlamentar em familia, e deem a elles proprios as melhores liberdades e regalias!

Ha tanto vaidoso enfatuado com a pinha cheia de teias de aranha!...

Vil-se Grego.

O MUNDO

Passou no dia 16 o 11.º anniversario d'este nosso intemerato collega, a quem nos liga velhos laços de amizade.

D'aqui lhe enviamos as nossas felicitações, acompanhadas do desejo que o grande campeão continue a «campear» infréne, durante bastantissimos annos.

Telegramma de saudação

Do Ex.^mo Sr. D. Gustavo Gimenez, illustre vereador republicano de Malaga e grande amigo de Portugal recebeu o nosso collega Eurico Zuzarte um telegramma de felicitações pelo reconhecimento do novo regimen pelas potencias.

O nosso camarada immediatamente respondeu agradecendo mais esta prova de estima que o nosso correligionario de alem fronteira dera pelo nosso paiz.

ASSIM VAMOS MAL

Sem duvida, que o povo portuguez tão devotado como é á politica, não desconhece este anathema — **Assim vamos mal!** Lançando ao conhecimento do orbe, pelo orgão do illustre estadista que teve a seu cargo a pasta da justiça; nenhum povo nos eguala, tal é a nossa excentricidade; embora, sejamos, em materia de cultura o que bem se sabe, rara é a creatura, que com desusado ardôr não discuta, não critique essa politiquice reles que por ahi vemos arrastar-se com esse cortejo de vergonhas e de ridiculos que tanto nos deprime e avilta; e são, digamos em nome da verdade — o verdadeiro senão o unico mal de que enferma a familia portugueza.

Que diriam os snobs os penlqueiros de certos paladinos que embora se esfalfem em prégar democracia por todos os lados e cantos do paiz, não passam d'uns Cezares de gravata encarnada se, tivessemos a ousadia de dizer aqui — **assim, vamos mal!** Como foi o orgão que se diz orientador da multidão, o orgão que a todo o momento prega a doutrina da sublime triologia — Liberdade, Egualdade e Fraternidade mas, quando alguem ouse discordar, argumentar ou pelo menos, duvidar a sua **intangivel** doutrina vae-lhe a prateleira do odio e da excommunhão parar acima da cabeça alem da sua campanha da difamação? Ninguem ousou reagir, ou lamentar pelo menos, que no momento historico mais critico da nossa nacionalidade, no critico momento em que o mundo inteiro, tinha voltado para Portugal o oculo da analyse d'onde dependia a nossa consolidação, se escrevesse isto:

«O sr. dr. Bernardino Machado, como ministro dos negocios estrangeiros, fez, como se costuma dizer, um brilhante logar. Manteve o prestigio do paiz perante as nações e conquistou o respeito e a consideração dos seus governos para a Republica acabada de sair de uma revolução. Não ha duvida alguma. Mas cometeu um erro grave, para o qual, francamente, não encontramos desculpa ou justificação. Entre tantas convenções comerciaes que realizou, esqueceu-se de uma, a mais importante de todas para o nosso paiz: — uma convenção commercial de juizo com um paiz que tivesse muito, e ao qual, por conseguinte, não fizesse falta. Esse paiz dava-nos juizo, e nós, em troca, davamos-lhe as pevides de abobora que germinam nas cabeças de muitos politicos que estão usando, na Republica, exactamente os mesmos processos governamentaes da monarchia.»

Muito e muito bem: — quer dizer, até ao regimen republicano não houve juizo; nota meu bom povo, não é o vulgar rabiscador que t'o diz-é o orgão da grande circulação democratica que te diz que aos estrangeiros, em troca de juizo, lhe davamos as pevides de abobora que germinam nas cabeças de muitos politicos.

Sabes Zé albarda, o que é o synonimo de politico? Não sabes, bem sei — mas para te provar, sem recorrer aos sortilegios mil que o engenho humano nos faculta, sem a eloquencia da rhetorica e sem desfolhar-te petalas lindas para que me não sicunbes de nossos feios, vou dar-te mais um pedacinho d'oiro do celebre artigo subordinado ao — **assim, vamos mal!**

«Não quiz o «blóco» a cooperação de tal commissão. E não quiz, porque não lhe convém que a torneira das graças pagas pelo suor e pela miseria do povo só se abra por necessidade absoluta de serviço publico ou de interesse nacional; quer ter a torneira ás ordens, para abri-la sempre que os apetites o reclamem. Segue-se, portanto, que ha quem queira que continuemos maus processos em materia de moralidade orçamental, dando assim nós o direito aos monarchicos de chamarem burlões aos republicanos; por estes, na oposição, bradarem contra os «deficits,» ao passo que no poder procedem a favor d'elles. Pois d'este modo vamos muito mal! O «blóco,» abrindo escancaradamente as portas do «deficit,» pratica um crime politico e economico para o qual não existe absolvição. Se o faz por simples politiquice, pelo simples desejo de combater as proposta da minoria democratica, maior fica ainda o seu crime, porque mais uma vez prova que, para hostilizar os elementos que constituem aquella minoria, não escrupulisa em sacrifical-lhe os interesses mais vitais do povo e os direitos da moralidade politica da Republica!»

São elles com a eloquencia da sua propria doutrina, são elles ainda, que desmascarando e desplantando o manto da verdade, deixam a nú, a crú, a dureza da maior, da mais intangivel verdade que conhecemos — a politica; é um charco onde a dignidade, brio, pudor, valor e honra, se deturpa para triumphar o egoismo e a ambição! A politica, é uma comedia, um politico, um comediante de barba que desmentindo o velho adagio — homem sem barba não tem vergonha, — prova que o politico, é o mais perfeito emulo do comico do que nos resa a sabedoria das nações!

Já Nordau disse: o politico de profissão, é um ser recrutado das mais inferiores camadas sociaes! Concordemos, que se não houvessem politicos — não existiria o Camaleão. Então, **assim, vamos mal!**

ABIEJNARAL

Entendido...

Um professional de coisas de armamento entende que se deve continuar a mandar vir a artilheria de fóra.

Pois claro! Então não se mandam vir os petizes de França? Assim como se manda vir a vida, tambem se póde mandar vir a morte...

NAO VENS?

(Desastre succedido ao auctor e ao Vin-se Grego)

Atraz d'ella seguia inebriado,
Olhando-a, meigamente, com ternura.
Tinha lhe visto o rosto delicado;
Um modelo de graça e de candura.

Como desejaria ser amado
Por essa diva virginal e pura...
E seguindo-a de manso envergonhado,
Phantasiava sonhos de ventura...

Parou a diva á montra do Mimoso,
E elle aproveitando a occasião,
Diz lhe a medo: — «Será feliz comsigo

«Quem tenha o seu amor!... Será ditoso!»
Responde ella: « — Não faças mangação!
«São duas c'rôas, filho... Vens comtigo?»

LITRAS.

TEM GRAÇA?!

Lemos no «Mundo» o seguinte:

«A Associação da Imprensa está realisando festas no parque das Necessidades a favor do seu cofre de beneficencia. Uma coisa que nós não percebemos é como esta Associação, realisando frequentes festas, teve de suspender os seus subsidios. Ha annos morreu um distincto jornalista profissional, e logo appareceram notas na imprensa de que a Associação de que aquelle fôra socio havia de subsidiar a sua velha mãe. Ao fim de algum tempo o pequeno subsidio foi effectivamente arbitrado. Mas não tardou que elle faltasse á pobre e velha senhora.»

Tem graça a fórma sybilina como o nosso presado collega diz quasi sempre as coisas; ora lá por casa sabe-se bem as causas e até demais, e, quando outras não conhecessem, bastaria a de muitos socios não pagarem as suas quotas. Parece que já não é pouco embaraço para uma direcção.

Vamos presado collega, jogo franco e cartas na meza, é por causa dos mysterios que todos andam assim... tal como aquella historia dos grilos. Descance porque, tambem um dia se ha de fazer a negra historia da malfadada Associação da Imprensa, assim como, a de tantas outras artes. Com tempo e habilidade tudo se consegue.

Moralidade da trama

Prega o moralista Caracoles que pela rua andam as prostitutas quasi nuas.

Pois nós temos visto nas ruas mais mulheres honradas quasi nuas, do que desgraçadas d'essas!

A CAPITAL

D'este nosso prezado collega, extrahimos o seguinte:

Principios civicos

Deveres do bom republicano

O bom cidadão da Republica:

Sacrifica-se pela Patria, pela Familia e pela Republica.

(Vidé ultima pagina de caricaturas.)

Exige a maxima honestidade na administração publica.

(No proximo numero caricatura allusiva).

Presta-se, de bom grado, a ser soldado, eleitor, jurado, contribuinte.
Descobre-se perante os symbolos da Patria (a Bandeira, o Hymno e o Chefe do Estado).
Respeita as leis e as auctoridades.
Consagra as glorias e as datas nacionaes.
Divulga a instrucção e a verdade.
Ajuda a manter a ordem e a moral.
Trabalha e economisa para prosperidade sua e da Patria.
Protege tudo que seja portuguez.
E' hospitaleiro para com os estrangeiros.
Exige uma justiça severa.
Não pede ao Estado nada de interesse pessoal.
Tem por religião o bem, o dever e o respeito.
Acompanha o progresso das mais nações.
Quer a defeza da Patria e das colonias assegurada.
Mantem o culto da honra politica e pessoal.

«O Zé» publicará em cada numero uma pagina allusiva (estás a vêr) aos deveres acima mencionados.

O demo são elles!

«A Lucta», «O Mundo», «O Intrasigente» e «A Republica» não se fartam de gritar pela união do partido.

Ora se elles são inspirados pelas diversas fracções do partido «repartido» porque razão é que se não unem!

Ora o demonio são elles e mais a união!

O reconhecimento d'elles

Consummou-se afinal a contradança:
O reconhecimento das nações,
Tapando assim a bocca aos thalassões
Que viam n'isto um sonho de creança!

Em primeiro logar chegou a França
E a seguir o paiz dos matulões;
Depois a Italia, terra das canções
E logo a Hespanha, a patria da... folgança!

Ha vibrações phantasticas no espaço,
Aperta-nos a estranja n'um abraço,
Queira tudo a foguetes e mais festas!

As patrias reconhecem offegantes
E é tal a apotheose, que os «palvantes»
Reconheceram já... que são mas bestas!

E' mais portuguez

A casa Herold vem annunciando «superphosphato da magnifica marca ingleza Gallo»...

Ora, francamente, não vale mais a pena dizer simplesmente — superphosphato marca Gallo?...

A ordem de despejo

A manada corajosa resiste á ordem battendo com os calcanhares no... sitio proprio

CORRESPONDENCIA

Do nosso collega Styl, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Cidadão Director de «O Zé»

E' da tripeira invicta que lhe escrevo; e, por aqui me encontrar casualmente no dia em que se fizeram as ruidosas manifestações de jubilo pelo reconhecimento da nossa Republica não pude resistir a fazer um pouquinho de reportagem, ainda que mal feita, para as columnas do nosso «Zé».

Lá vae: no dia 12 do corrente, á noite, houve musica na Praça de D Pedro, illuminação no edificio da Camara, morteiros lançados ao ar, de diversos pontos da cidade, muita concorrencia do povo, etc., emquanto na Praça da Batalha tambem se encontrava uma banda de musica, deliciando o povo que n'aquelle ponto se divertia bellicosamente.

Na Praça de D. Pedro, ao contemplar todo aquelle movimento pensava eu, junto á estatua equestre d'aquelle que a historia pomposamente chama o rei soldado, o seguinte: um povo congratula-se e festeja o facto das nações da Europa lhe reconhecerem e legalisarem, por isso, a existencia da sua nascente Republica, que já em 31 de Janeiro de 1891 quizera tornar um facto. Mas, como todo aquelle quadro animado, da vasta praça do Porto me pareceu illogico! Porque desviando a vista da fachada do edificio da camara onde se via uma gambiarra com as iniciaes a fogo, R. P., eu via ainda em plena praça, em bronze, o symbolo de uma dinastia que tanto nos ludibriou, vexou e roubou; ou por outra, o symbolo da tyrannia dos povos, universalmente fallando.

E' verdade que o cavallo parecia querer fugir d'ali por naturalmente comprehender que já não eram festas realengas que se estavam realizando; festas a um rei imbecil e mystificador como por exemplo, aquelle, que ha bastantes annos lhe peza brutalmente sobre o dorso e outr'ora fôra o verdugo e senhor d'um povo. Mas, o rei é que parecia sopeal-o n'uma attitude de mau humor. Parecia obstinar-se em ficar; e, até por delicadeza (porque aquelles bichos foram sempre muito delicados para com os seus subditos) querer levar o cavallo de recúo até ao edificio dos Paços do Concelho para com a dextra offerecer novamente ao povo a tal carta constitucional, aquelle documento burla que foi a gazúa com que elle se serviu para «espetar» a pilha no throno de Portugal.

Na Praça da Batalha lá estava tambem o outro Pedro, com as «pantalonas» talvez um pouco largas, vamos, de olhar scismador; quem sabe, talvez, pensando ainda como a «canalha dourada da côrte o envenenou e a sua esposa, etc.; a mesma canalha que mais tarde chamou ao seu successor e sobrinho Carlos o rei martyrizado! Hypocritas!

Mas, voltando ás estatuas; dir-me-hão que são documentos historicos e architectonicos a attestar e affirmar o nosso passado e tradições? D'accordo. Mas, apeiem-nos dos respectivos poleiros e levem-os não para um convento, mas, para um muzeu, onde poderão ser vistos a todo o tempo, mas, só por quem o desejar fazer, e colloquem n'aquelles logares, por exemplo, uma estatua á Republica a affirmar a existencia do regimen que um povo escolheu; a figura da Liberdade por quem tanto os portuenses soffreram e sacrificaram ou a figura do trabalho, um dos lemmas da nossa Republica.

Mas, se recciarem que os nossos vindouros nos venham a chamar tolos por havermos tido a maçada de arrearmos aquelles monstros d'ali abaixo para os levarmos ainda para um muzeu, occupando espaço e representando capital paralizado, então reduzam tudo aquillo a vintens da Republica, porque ella bem precisa d'elles e eu creio que é d'aquella massa que elles se fazem. E, se assim fôr, lembrem-se que tambem lá está o duplicado do IV do Porto, ahi no Rocio, muito mais alto, é certo; e, já alguem me disse que se elle subiu para tão alto foi com receio que o povo portuguez lhe escarrasse na cara.

Logo, assim como pode subir, melhor poderá descer. Vamos.

13-9-911. STYL.

♣

De Herodes para Pilatos

Vão muito adeantados os trabalhos a cargo do maestro Cruz Junior que, é o auctor da musica para esta nova revista dos srs. Frazão, Rodrigues e Braga, que nos dizem, fará successo visto tratar se d'uma producção fóra do vulgar. A revista, subirá brevemente á scena no theatro da Rua dos Condes.

Chacon Siciliani

(Prepotencia policial)

Este nosso querido companheiro de redacção foi surprehendido no seu domicilio por uma ordem de comparencia na judiciaria a que promptamente acquiesceu.

Soube então o nosso amigo por que foi incommodado.

Alli, com apparencias de polidez, foi tratado como pessoa de baixa esphera, pois reduziram o seu depoimento a auto e informaram-se das suas opiniões politicas...

Cremos que esta perseguição a este nosso collega já se prolonga desde que elle fallou n'um comicio anarchista.

Fique a sr.ª Policia sabendo que elle é republicano dos vermelhos.

Parece que estamos na Turquia!...

♣

E' sempre a presidir

Muita sorte tem aquelle sr. Braamcamp! Veiu para o partido hontem á noite e começou logo por presidir á Cambra do sr. Frontão, depois á dos deputados, depois ao Senado, agora á grande commissão de festejos e até o quizeram fazer presidente da Republica.

Nunca vimos gallo tão novo cá na capoeira e já com tantos poleiros!

—Que o patife do orçamento
Está muito rabujento.
—Que os «trunfos» socialistas
Já andam jogando as cristas.
—Que tamanho socialismo
E' peior que um sinapismo!
—Que, se vão com esta voga,
Tudo aquillo dá em droga.
—Que o bispo e mais eminencias,
Já não teem fé nas potencias!
—Que o Zé, por mais que se ageite,
Não póde comprar azeite.
—Que, apesar d'esta desgraça,
P'ra foguetes 'inda ha massa!
—Que a «Lucta» impinge á nação
«Cantigas» até mais não!
—Que o povinho faz lhe figas,
Já não se fia em «cantigas»!
—Que n'este paiz «caliente»
Tudo canta, minha gente!...

♣

O Cidadão

Subordinado a este titulo, acaba de se publicar em Evora, mais um jornal republicano.

Nunca é demais um jornal, pena é, que o nosso meio, não os receba como devia —e que a leitura em Portugal, é e será infelizmente um privilegio tal como nos tempos antigos—para «endinheirados.»

Redigido pelo velho e ardoroso democrata dr. Evaristo Cutileiro, aquelle nosso amigo de tempos que passam e não voltam mais, com prazer recebemos a sua visita e muito prezamos em a retribuir.

Ao correr da fita

—O' visinha foi á manifestação de ha oito dias?

—Fui, e a visinha?

—Tambem. Por signal que cheguei a casa estafada.

—Podéra! Uma caminhada d'aquellas! De potencia para potencia, toda a noite... Eu, com franqueza, é que não volto a manifestações...

—Demais a mais com riscos de ficarmos queimadas...

—Foi o que me aconteceu. Fiquei com a saia toda furada.

—Sabe de que gostei mais na terça feira?

—De que foi...

—Foi do Parreira a fallar francez, inglez, allemão, austriaco, grego, portuguez e brazileiro. Parecia que tinha tomado chá... de Parreira!

—Tambem gostei bastante!

—E olhe que não desgostei dos apertos.

—Para mim tambem foi a melhor recordação...

—Quer crer que levei todo o caminho um marujo atraz de mim?...

—Eu fui com meu marido. Não poude fazer nada. Por signal que lhe succedeu um desastre...

—Succedeu?...

—Ia ficando com a cara n'um frangalho...

—Onde foi isso?

—Foi em frente d'um consulado.

—E elle ficou desconsolado, não?...

—Eu conto. Estavamos nós os dois, enthusiasmados, cheios de tremelicoques cá por dentro, a olharmos para as janellas do consul, dando palmas, quando um magico se lembrou de deitar um foguete!

—E depois?

—As bombas não rebentaram todas em cima. Tres estoiraram cá em baixo. Uma d'ellas explodiu mesmo em cima d'um olho de meu marido. Calcule, visinha,...

—E que lhe fez a bomba, coitadinho?

—Era tão grande que lhe rebentou o olho...

♣

Couces, Couceiros e Coucistas

I

Estas palavras que servem
De titulo a estes versos
Todas teem igual raiz
'Inda que effeitos diversos...

II

A primeira significa
«Patas trazeiras no ar»
Em offensa bestial
P'ra alguem ferir ou matar...

III

A segunda classifica
Quem faz uso da primeira,
P'ra quem gosta d'uns e d'outros
Fica se então na terceira.

IV

Ha tres graus nos conspirantes:
«Couce, Couceiros, Coucistas»,
Partem todos d'um principio:
—Todos teem o mesmo em vistas...

CHACON SICILIANI.

O Zé na feira

Rotunda dos heroes, 18 de setembro

O' illustres vereadores da Camara Municipal de Lisboa, então não haverá maneira de acabar com aquelle tremendo cheirete que, logo á entrada da feira, assalta as narinas delicadas do visitante?

Olhem que aquelle urinol é uma vergonha!

Até faz fugir as pequenas!

Uma feira tirada das capellas como aquella é, assim a modo a armar um ûna e um pantano d'aquelles a prejudicar-lhe a entrada triumphal é lo fazer fugir a freguezia.

Só se é por o urinol ter sido heroe, ter estado... e estar ainda na rotunda, que se lhe permitte que d'eite assim por fora, sem consideração por quem passa...

Isso agora é outra coisa.

Agua da Mina

A tia Anna do Grão

Casa de Pasto de primeira ordem. Retiro ao ar livre e gabinetes reservados

Quem quizer manjar's barato
Venha á **Tia Anna do Grão**
Onde encontra bellos pratos
E' um vinho que... é um vinhão!
E' tão grande maravilha
Que até diz o Pamtafeão,
— E' onde o poeta Sevilha
Vae buscar a inspiração.

Antiga Barraca das farturas.

Não chorem q'ridos leitores
Não tenham melancholia,
O Julio tem lá um vinho
Que a todos dá alegria.
Vão lá proval'o vão lá
Vão lá tomar-lhe as doçuras!
Vão ver que outro não ha
P'ra acompanhar as farturas!

Maria Botas

Rua Central — Grande Restaurant

Eis a casa mais bonita,
Mais alegre e mais elegante,
Restaurant todo catita
Que o **Wenceslau** capitaneia
A par co'a **Maria das Botas**
Poz ao dispor dos janotas.

Ermida do Padre Antonio

O nectar mais encantado
Que nos leva do demonio
Tem-no já vendido o **Machado**
Na **Ermida do Padre Antonio.**

Adega da Figueira

Eis a barraca do Abel,
Toda chic n'um pé só,
Onde o vinho sabe a mel
E a comida a pão de ló!
E' alli onde o Francisco
E mais a Dona Domingas,
Vão comêr o seu petisco
E beber as suas pingas!...

Agua da Mina

Adega do Saloio

Descobriu-se á ultima hora
Que o tachado Padre Mattos
Se fazia espalhafatos
E, coitado se atachava.
Era que vinha,
Provar dois cá da pinguinha
Mas tão gostosa a achava
Que nunca mais a largava!

Campo Pequeno na Feira

Se o Paiva Couceiro chega
A entrar na «Lisbia» amada
Bebe dois para a carega
Nesta casa consagrada.
E conquistado p'la pinga
Segundo dizem e é voz publica,
Fica manso, nem respinga,
E adhere logo á Republica!

Nova Barraca de Farturas

Fadistas, sacristas, priores e curas,
Actores, cantores, e typos do verso.
Se lá é que vão comer as farturas
Como outras não ha em todo o universo!

Moraes do Padre Antonio

E' no Moraes do Padre Antonio
Que a freguezia
Encontra um vinho do demonio
Doce magia
Ai, tão catita, divinal,
Entre as coisas divinaes
Que não faz mal
Nem que a gente beba um casco
Ou beba mais!

Barraca Arganilense

O Baptista das farturas
Participa á «Lisboa» inteira
Que tambem vende doçuras
Lá na **Praça da Figueira.**
Fica pois a populaça
Sciente desta maneira:
De manhã é lá na praça
A' noitinha é cá na Feira.

Georgina de Oliveira

Proximo ao **Circo Russo**

E' esta a unica carreira de Tiro onde se encontra a diversão do **Tiro aos pombos.** Grandiosa variedade de alvos fixos e moveis.

Vicente da Porcalhota

(Successores)

A primeira casa da feira, situada na R. Principal, logo á entrada. Grande numero de surprezas.

Theatradas

E' para darmos uma bella noticia ao publico que pegamos no aparo, porque escrevemos sem caneta com um aparo enorme, de reclame, e é ella que o nosso prezado amigo Antonio Santos, emprezario do **Colyseu dos Recreios,** resolveu que a brilhantissima companhia de Opereta Città di Firenze désse mais uma série de recitas, adiando ipso facto a sua partida para o Porto, onde sem duvida irá causar estrondoso successo.

Estas ultimas recitas serão magnificamente bellas como as demais, pois que na referida companhia todos os elementos se juntam de forma que resulta um conjuncto surprehendente.

O scenario é sempre riquissimo, a partitura escrupulosamente respeitada, a orchestra afinadissima, e os artistas representam de forma admiravel, havendo entre elles alguns cujos recursos vocaes os collocam no elenco de companhias de operas e não de operetas, como Bianca Bangnoli, Nelly Castagnetta, etc.

Por tudo isto, ainda acrescido de um guarda-roupa luxuosissimo, o **Colyseu dos Recreios** tem sempre enchentes que se prolongarão até á noite de despedida da tão apreciada companhia.

Mas não é só esta tão agradavel noticia que hoje temos para dar aos nossos leitores.

Não sabemos se já ouviram dizer que a revista «Ventas de Patrulha», peça do **Theatro da Trindade,** tem muita originalidade e graça, accrescendo esta não ser pornographica, o que faz com que dentro em pouco não haja uma menina Seixas ou Pires, que não se tenha baralido mais de uma noite para ir á **Trindade.**

A antiga «Revista de Cópola», ampliada e crismada em «Crise de Amor», vae agora á scena pela companhia do Apollo ao **Theatro da Republica,** e se antigamente fez successo, agora deve fazer um successão.

O popular **Theatro da Rua dos Condes** vae reabrir e inaugurará a epocha com a revista «Vá p'la esquerda», de que nos dizem maravilhas. Tambem em breve reabre o **Grande Salão Foz** sobre a direcção artistica do nosso Ex.mo amigo Eduardo Custodio, que tem trazido ao palco d'aquelle salão o que lá fora ha de melhor em variedades. A sala soffreu grandes melhoramentos, comportando agora 800 logares. Além d'isto temos—(não fallando na mulher electrica que se exibe na feira) uma engraçada companhia de petizes no **Theatro Infantil do Rocio;** a chistosa revista «Zig-Zag» no **Chalet Julia Mendes** a dar enchentes sobre enchentes, e no **Chalet Avenida** a «Sombra do Herodes» e «Aguas de Bacalhau» a que não falta publico. No **Salão Central** as fitas continuam sendo de sensação; o **Salão da Trindade** não cessa de dar estreias consecutivas, assim como o **Chiado-Terrasse** que ás terças e sextas lá tem sessões de... paspalismo.

Ao **Olympia** a colonia brazileira accorre em peso á sexta feira e no **Cine-Paris** ás terças feiras a sociedade elegante faz-se representar em grande numero. Tambem o **Chantecler-Chalet** e **Circo Russo** são muito frequentados por quem vae á feira e se quer divertir muito gastando pouco. Aquelle, um excellente animatographo fallado e n'este apresentação de animaes amestrados. Vamos finalisar, que o Estevam já está escamadissimo da coisa, mas não queremos deixar de agradecer á empreza do **Cine-Palais** a sua extrema gentileza em negar as entradas solicitadas por um nosso collega de redacção que se apresentou na bilheteira com a requisição devidamente authenticada. Sempre julgamos que tratavamos com gente sem educação, mas agora vêmos que nos enganavamos. Queira a referida empreza desculpar-nos a nossa «gallegada», sim? Agradecemos-lhe o

ZÉ PIMENTA

Estante cá de casa

«**A Garra**» — supplemento d'A «Satira» sob a direcção artistica de Joaquim Guerreiro.

Recebemos a visita do 2.º numero deste distincto semanario humoristico que publica cinco distinctas paginas de caricaturas do distincto caricaturista sr. Joaquim Guerreiro.

«O Zé» saúda o collega, agradece a referencia, e retribuirá a visita, esperando que em breve possa tomar chá com a sr.ª D. «Satira» n.º 5, já que se não realisa a segunda conferencia em familia.

Contos rapidos

—Hoje tem de ser Joaninha!... Com trinta e duas lições e ainda não executas a Maria da Fonte!...

—Eu sei, primo Alberto. Mas não faço gosto, porque não gosto do instrumento. De que serve a uma senhora saber tocar flauta? Já viu alguma, tocando a n'uma sala? Não viu!... Já vê que não encontro conveniencia alguma em aprender a tocar.

—Nem eu queria ver a prima a tocar flauta n'uma sala!... Agora nas nossas reuniões particulares, nos «chás» de familia...

—Não insista. Decididamente, eu não quero aprender. Faço a vontade a mamã, e aquieto o meu espirito...

—Mas eu supplico-lhe... Toque... Só a Maria da Fonte... vá...

E deu-lhe um prolongado beijo nos labios.

Então, Joaninha, vencida, resignada, empunhou a flauta, e tocou.

LITRAS.

O que os bons monarchicos cumpriram

Vender a patria ao estrangeiro, fazer bréjeirices com a Dona Bispa e cravar a Republica.